



UMA VOZ AZUL COMO O CÉU DE IPANEMA

Silvio Essinger

Num momento em que o Brasil vivia a emergência do rock, Dulce Quental foi a voz do pop sofisticado, mas sem jamais perder a ligação com os de sua geração. Nos três discos que gravou nos anos 80, *Délica* (1986), *Voz Azul* (1987) e *Dulce Quental* (1988), estavam lá, em pessoa ou com suas composições, desde o ícone da bossa nova João Donato (e outro que nos anos 00 se tornaria nome de frente da novíssima bossa, Celso Fonseca), a nomes da música popular de vanguarda, como Itamar Assumpção e Arrigo Barnabé, passando, como não poderia deixar de ser, pelos ídolos do rock Brasil dos 80 Herbert Vianna, Arnaldo Antunes, Humberto Gessinger, Cazuzza e Frejat. No entanto, mais do que as presenças ilustres, o que os discos tinham a mostrar era a voz azul de Dulce, que revestiu de luxo e delicadeza as canções mais interessantes daquela época, muitas das quais de sua autoria (caso de “*Délica*”, “*Não Atirem no Pianista*” e “*Voz Azul*”), a despeito de seus maiores sucessos de rádio mesmo terem sido o “*Caleidoscópio*” (de Herbert Vianna, só mais tarde gravada pelos Paralamas do Sucesso) e “*Natureza Humana*, versão de Jorge & Waly Salomão para o hit de Michael Jackson “*Human Nature*” – eis, aliás, duas gravações que até hoje volta e meia trazem alento e sol da tarde aos ouvintes de rádios FM’s cansados de tanta banalidade.

O tempo passou e, enquanto Dulce navegou por outros mares, como letrista de músicas do Barão Vermelho, Ana Carolina, Cidade Negra e outros artistas, suas lições de economia e elegância vocal, seu ouvido afiado para sacar um bom e inteligente repertório e seu bom gosto para as escolhas de arranjos serviram de padrão para muitas cantoras do chamado segmento adulto-contemporâneo que surgiram no Brasil. Um hiato de quase 15 anos privou os ouvintes de ter acesso a

Dulce por inteiro – fazendo letra e melodia, cantando, arranjando e interagindo com as pessoas mais interessantes das gerações dos 80, 90 e 00. Pois para todos que esperaram, aí está o novo disco de Dulce Quental, *Beleza Roubada*, que soa como se o tempo não tivesse passado. Com as programações eletrônicas e teclados de Sacha Amback e Damien Seth, e um time de músicos que inclui os craques Vinicius Rosa (guitarra) e Renato Fonseca (teclados), Dulce se reinventa para nova década mas, ao mesmo tempo, mantém-se na essência como era – quem ouvir seus trabalhos dos 80 verá que nada envelheceu. Ao contrário – eles até anteciparam ondas futuras. Assim, *Beleza Roubada* não é o disco da volta da cantora, mas a seqüência de um trabalho que nunca deixou de trazer novidades.

“*Capuccino*”, parceria com Zélia Duncan, uma das mais destacadas cantoras-compositoras da geração 90, atualiza as delicadezas do pop de Dulce Quental, numa canção com aroma de manhã e brisa de canela. Eletrônicas contemporâneas e suaves temperam o fino quitute que é “*Bordados de Psicodélia*”, feliz encontro de Dulce fez com outro expoente da música brasileira moderna, Moska – aliás, é ele quem elegantemente dedilha o violão na gravação. “*Beleza Roubada*”, a faixa que dá nome ao disco, é o encontro da bossa com as sonoridades contemporâneas, mediada por uma voz que conhece bem os terrenos em que está pisando – isso, para não falar da engenhosa letra, que fala de desencontros amorosos com a mais feminina das óticas, sedutora como a mais bela das Liv Tylers. E se é para falar em pop com P maiúsculo, P de preciosidade, prazer, perícia e perspicácia, o melhor é não falar. E sim ouvir “*Topo do Mundo*” (parceria com Frejat), “*Conversa Informal*” (samba moderníssimo com uma festa de samples) e “*Quando*”, que já desponta com cara de sucesso sem mesmo ter tocado no rádio ainda.

E tem mais em *Beleza Roubada*. O desencanto dá as caras vestido de eletrônicas em “*Nova Idade das Trevas*”, música de belos versos do tipo “como vai ser então a nossa história nesse filme sem cor/ desapareceremos na memória de um mundo que desertou”. A bossa revive em “*Ipanema*”, uma delicada canção que traz nova visão sobre o bairro, musa da bossa nova, ainda hoje uma gata charmosa apesar de todos os pesares do Rio de Janeiro. Mais à frente, o folk se injeta de beats – e de falas do falecido poeta beat Allen Ginsberg – em “*Conferências Sobre o Nada*”, mais uma parceria de Dulce com Frejat (em conjunção com Ginsberg, é claro). A receita musical se repete em “*O Escritor*”, que dessa vez tem falas de Fernando Sabino, num clima de homenagem a um dos maiores escritores brasileiros vivos. Mais uma receita e tudo se resolve no disco: a “*Receita de Felicidade*”, que se resume a voz, violão e teclados – nada falta, nada sobra, só a beleza – e o resultado prometido é imediato. E assim termina a viagem por *Beleza Roubada*. A voz, em seu azul profundo de tarde ensolarada de inverno – nem quente nem fria, apenas aconchegante –, está de volta com toda a sua graça.

Gravado de abril à junho de 2003 no “Vini Home Studio”

Finalizado e mixado em julho de 2003 no Estúdio Gorila Mix por Damien Seth

Masterizado no Magic Master por Mauro Bianchi

Direção Artística:

Dulce Quental e Carlos Alberto Sion

Produzido por:

Dulce Quental, Vinicius Rosa e Damien Seth

Exceto a faixa 2, 8 e 9 – Produzidas por Sasha Amback

Seleção e ordem das músicas:

Dulce Quental e Claudio Olivotto

Direção de Arte: Carlos Bertuol

Foto: Roberto Donaire

Fotos de Divulgação:

Washington Possato

Apoio Produção e Divulgação:

Evandro Rius

Product Manager: Alda Baltazar

Web Designers: Charles Steiman

e Maria Rita Taunay

Stylist: Fawsia Borralho